

Abaixo os chefes!

Abaixo os chefes! - Da utopia à revolução por Joseph Dejacque - Martín Paradelo encontra-se baixo uma Licença [Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-SinObrasDerivadas 3.0 España](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/es/).



Você é livre de copiar, distribuir e comunicar publicamente a obra

Baixo as condições seguintes:

- **Reconhecimento** — Deve reconhecer os créditos da obra da maneira especificada pelo autor ou o licenciador (mas não de uma maneira que sugira que tem o seu apoio ou apoiam o uso que faz da sua obra).
- **Não comercial** — Não pode utilizar esta obra para fins comerciais.
- **Sem obras derivadas** — Não se pode alterar, transformar ou gerar uma obra derivada a partir desta obra.

Edita: **CNT-Compostela, Dezembro de 2012**

www.cntgaliza.org

Primeira edição

Tradução: **Bruno Ruival**

Coordenação: **Secretaria de Imprensa e Comunicação. CNT-Compostela**

ISBN: 978-84-92428-58-8

Dépósito Legal: C 2656-2012

Imprime: **Sacauntos**

As ditaduras providenciais

A autoridade e a preguiça

JOSEPH DEJÁCQUE

Índice

Da utopia à revolução [Martín Paradelo Núñez]	9
As ditaduras providenciais	25
A autoridade e a preguiça	43

Da utopia à revolução

Joseph Déjacque, homem sem origem conhecida, operário pintor, furiosamente anti-autoritário, anarquista até as últimas conseqüências, foi um dos últimos utópicos, uma das últimas pessoas em elaborar um imaginário completo, um modelo de sociedade definida e estabelecida num lugar e tempo diferentes do actual. Foi um dos últimos em manter esperanças numa sociedade perfeita construída à parte da sua própria e um dos primeiros em ter esperanças numa sociedade construída a partir da sua própria, a partir do seu ser operário, da sua cultura proletária, um dos primeiros operários revolucionários, que abandona ao tempo outro impossível: a confiança nas leis, no parlamento, no Estado, para a melhoria da situação da classe operária. Déjacque será o primeiro em elaborar teoricamente um tipo de comunismo libertário. Joseph Déjacque será esquecido,

Da utopia à revolução

silenciado, igual que Coeurderoy, em favor de um Proudhon que parece a única voz libertária da década de 1840 e 1850, e outros vários socialistas autoritários, burgueses grossos movidos da paixão que darão forma definitiva a Marx.

Compre deixar de lado o termo marxista de utópico como oposto a científico no referido ao socialismo ao focar uma panorâmica da utopia e o papel que este jogou no curso do pensamento socialista. Marx emprega o termo basicamente para opor todas as escolas económicas anteriores a si próprio e estabelecer um estádio superior para o seu pensamento dentro da filosofia económica e social. O que lhe interessa a Marx é salvar para si esse lugar de privilégio e emprega o termo utópico em sentido negativo e nem sempre conseqüentemente. Como todo na filosofia de Marx, o que prima é manter-se fora e acima de qualquer criticismo e vilipendiar a qualquer que tivesse o demérito de “*dizer o mesmo que ele, mas antes*”. Assim se expressa Proudhon na escassa defesa de si próprio que leva a cabo depois dos ataques de Marx. Neste sentido o caso mais revelador é o tratamento de Proudhon, quem passa de

merecer ser louvado em **A sagrada família**: *“Proudhon propôs-se analisar de maneira crítica a base da economia nacional, a propriedade privada, e foi a sua a primeira investigação enérgica, considerável e científica ao tempo. Nisso consiste o notável progresso que realizou, progresso que revolucionou a economia nacional, criando a possibilidade de fazer dela uma verdadeira ciência”* a ser deposto por utópico e não científico quase dois anos depois em **A filosofia da miséria**. Marx não se atreveu só com Proudhon, mas tentou, com resultados humilhantes pela fraqueza argumentativa que mostra, rebaixar o pensamento de Stirner em **Documentos do socialismo** ou de outros economistas como J. B. Say.

O sentido da utopia devemos procurá-lo no pensamento humanista do Renascimento. É neste momento no que se começa a conceber uma reflexão sobre a liberdade e sobre a relação dos indivíduos com a sociedade e o estado partindo de uma análise ética e moral. Os primeiros exemplos no século XVI podem ser **Faz o que queiras** de Rabelais e o **Discurso sobre a servidão voluntária** de Etienne de la Boetie. A partir desta reflexão em torno da liberdade, diversos autores co-

meçam a realizar um tipo de crítica política que, tomando como base a **Utopia** de Tomás Moro, elege lugares ou culturas afastadas como exemplo dos sistemas políticos que propõem, em alguma das quais podemos encontrar algum fermento libertário, como nas **Aventuras de Jacques Sadeur** que Gabriel Faigny escreve em 1676 ou nas **Conversações entre um selvagem e o barão de Hontan**, de Guedeville (1704).

Nas décadas anteriores à revolução francesa, Sylvain Maréchal em **A idade de Ouro** (1782) proporá um tipo de anarquismo bem razoado e estabelecerá para a sua realização uma idade pastoral arcádica. Este será o ponto de partida para os mais nomeados autores do socialismo utópico, Owen, Fourier e Saint-Simon, mas também outros menos conhecidos, Thompson ou Considérant, que seguindo esta tradição estabelecerão o seu ideal social num lugar e num tempo imaginados, numa utopia.

Robert Owen não se mostrou especialmente interessado pelo problema da anarquia nem do estatismo, mas procurou desenvolver ao limite as formas de cooperação eqüitativa e os problemas

Da utopia à revolução

organizativos que se dessem em torno delas. Owen superou o estado da utopia, e tentou em diversas ocasiões levar a cabo na prática o seu sistema cooperativo, New Harmony. Fracassou todas elas.

Saint-Simon foi o primeiro pensador que percebeu o funcionamento do poder e as contradições da sociedade, e tratou de descobrir as leis que regem a vida social para, a partir delas, dirigir de modo racional a vida humana. Neste processo encontrou que a mudança de propriedade marca fortemente o movimento da história para um maior bem-estar. A utopia de Saint-Simon pode reduzir-se a uma sociedade industrial administrada por um condomínio dos proprietários e as organizações de trabalhadores, e pelos cientistas e tecnólogos. Esta sociedade baseia-se numa indústria transformadora da acção humana, ao permitir-lhe dedicar-se exclusivamente à natureza e aos seus recursos.

Fourier procurou uma forma de organização social que resolvesse os problemas derivados da Revolução e do novo industrialismo, encontrando a solução na associação livre e voluntária. Fourier

Da utopia à revolução

apresenta uma utopia baseada na harmonia que não chega a dissolver totalmente o estado, se bem rejeita instituições repressivas como o exército e a igreja, nem a eliminar o capital. Manterá a divisão de classes, as hierarquias, e certas desigualdades. E é que, citado abundantemente entre os anarquistas, Fourier mesmo nem é um anarquista nem um revolucionário. A utopia fourierista não é uma moral nem um sistema económico, é mais um sistema que permita a libertação das paixões. Na harmonia, na utopia, o bem consiste em que cada quem desenvolva e possa seguir as suas inclinações e desejos. O prazer converte-se na virtude suprema.

O socialismo de Saint-Simon e Fourier não oferecia nada tangível aos operários franceses, e começam a se desenvolver no mundo operário novos sistemas que não superam o sistema democrático. Neste contexto é que aparece Joseph Déjacque, um dos últimos utópicos, é dizer, um dos últimos pensadores que estabelece um lugar fora do tempo e o espaço como concretização da sua teoria política e do seu sistema social, e um dos primeiros escritores operários anarquistas. O sis-

Da utopia à revolução

tema de Déjacque será o Humanisfério, e baseia-se na comunidade anárquica como modelo social.

Desde este momento os pensadores anarquistas deixarão de se interessar pela configuração completa de um modelo social, e procurarão levar a cabo uma análise sistemática dos princípios da sociedade capitalista e das suas formas de dominação e da superação destas. Já não fará sentido desviar fora da sociedade actual o modelo perfeito de sociedade, senão que se procura a efectiva transformação da sociedade actual na sociedade do porvir pela revolução. Em efeito, a aposta revolucionária do proletariado de meados do século 19 certifica a morte da utopia, excepto escassas tentativas teóricas e práticas que seguirão a existir de maneira mais ou menos marginal. O debate teórico sobre a sociedade revolucionária centrará-se em estabelecer os princípios económicos que a rexeirão, com toda a polémica de fins de século entre colectivismo e comunismo, mas pouco mais. O último exemplo de utopia plenamente desenvolvido será a Libreterra que Silvio Gesell ideia como concretização das teorias económicas que apresenta na sua obra de 1906 **A ordem eco-**

nómica natural.

Rematada a utopia de maneira teórica já na década de 1850, ia adquirir uma influência real noutra lugar, no mundo da arquitectura. Desde Fourier e Saint-Simon, todas as utopias procurarão um lugar diferenciado para desenvolver a sua ideia social, e este lugar adquirirá umas características diferentes em função da organização social que se desenvolverá em ele. Fourier deixou escritos os princípios gerais da suas ideias arquitectónicas num pequeno livro intitulado **Das modificações a introduzir na arquitectura das vilas**, mas será Considérant, arquitecto e discípulo de Fourier, o que vai resumir e sistematizar o seu pensamento em quanto à necessidade de uma nova arquitectura para uma nova ordem social na **Exposição abreviada do sistema falansteriano**.

O falanstério fourierista estendeu-se rapidamente, com a edição de um periódico próprio e com a posta em prática dos primeiros experimentos societários seguindo o seu modelo. Todos fracassaram em pouco tempo, tanto a nível económico como relacional. A realização mais próxima

Da utopia à revolução

pode ser o Familistère, construído pelo industrial J.P. Godin na sua fábrica de Guisa entre 1859 e 1870. Este complexo compreendia três blocos residenciais, creche, jardim-de-infância, teatro, escolas, banhos públicos e uma lanvanderia. Cada bloco residencial abarcava um pátio central com iluminação superior. Na sua obra **Soluções sociais** Godin absorveu os aspectos mais radicais do fourierismo demonstrando como se devia adaptar o sistema à família cooperativa sem recorrer às teorias excéntricas da atração passional.

Mais importante é fazer constar que Fourier atingiu uma grande recepção entre os arquitectos como precursor do urbanismo moderno no século 20, o qual teve muito de utopia e também muito de frustrado. Um destes arquitectos será Tony Garnier, que ideara em 1901 a cidade operária ideal, a Cité industrielle, que constitui a teoria urbana mais completa que se tinha desenvolvido até o momento. A cidade contaria com uma população de 35.000 habitantes e devia constituir um centro regional relacionado sensatamente com o seu ambiente. Na cidade distinguem-se uma parte sem construir, reservada para jardins, e uma zona

Da utopia à revolução

edificada. Nesta zona edificada Garnier emprega uma tipologia de habitação que garante luz, ventilação e espaço verde aos seus moradores. O plano da cidade rejeita o axial e tende a se configurar de maneira que sirva aos interesses dos habitantes e os trabalhadores da cidade.

A cidade industrial de Garnier incorpora uma série de novidades que têm um interesse para além do construtivo e urbanístico, ainda que determinam absolutamente estes aspectos. A propriedade da terra e dos edifícios é comum a todo o povo, o que permite um controlo da indústria, o movimento do trânsito e outros elementos intrusos dentro do âmbito residencial. A cidade gira em torno de uma maior importância da vida comunal, incluída a provisão de habitações e a ausência de jardins privados em favor dos comunais ou o desenvolvimento dos centros locais, estádios desportivos e outras manifestações do espírito comunitário sobre a construção de carácter privativo. A reorganização urbana tem como ponto fundamental de desenvolvimento as necessidades vitais da classe operária e admite uma distribuição em função de um trabalho colectivizado na que a

propriedade privada não se contempla.

Encontramos nas bases ideológicas de Tony Garnier, num sentido teórico antes que militante, o socialismo proudhoniano, de quem prove a importância concedida ao trabalho como factor organizador da sociedade e a rejeição da propriedade privada e que lhe permite superar em sentido revolucionário a sua outra base ideológica, o socialismo utópico de Owen, Fourier e Saint-Simon, e estabelecer um modelo de cidade que satisfaça as necessidades de uma classe operária que desde o desenvolvimento do sindicalismo na década de 1890 começara a incorporar aos seus debates teóricos o problema da habitação operária, deixando de lado o carácter arcádico que vinha apresentando e que manteria fundamentalmente entre as correntes naturistas do anarquismo.

A cidade industrial de Garnier reveste uma importância fundamental na história da arquitectura. Desde a cidade ideal de Ledoux em Chaux, em 1804, nenhum arquitecto levara a cabo uma tentativa tão abrangente e detalhada para uma cidade completa. O impacto da cidade de Garnier alcançará ao próprio Lê Corbusier, que também

Da utopia à revolução

na sua juventude se sentiu atraído pelas ideias do socialismo utópico, mas a sua influência quedaria muito atenuada porque as proposições básicas da cidade industrial nunca foram postas em prática nem publicadas extensamente.

PEQUENA BIBLIOGRAFIA INTRODUTÓRIA

Bravo, Pedro: **Socialismo premarxista**, Instituto de Estudios Políticos, 1961.

Bruckner, Pascal: **Fourier**, Editions du Seuil, 1975.

Cappelletti, Ángel: **La ideología anarquista**, Fundación de Estudios Libertarios Luís Arrieta, 2009.

Deleplace, Marc: **L'Anarchie de Mably à Proudhon, (1750-1850): histoire d'une appropriation po-lémique**, ENS, 2001.

Frampton, Kenneth: **Historia crítica de la ar-quitectura moderna**, Gustavo Gili, 1981.

Ionescu, Ghita: **El pensamiento político de Saint-Simon**, Fondo de Cultura Económica, 1983.

Da utopia à revolução

Maitron, Jean: **Le mouvement anarchiste en France**, Librairie François Maspero, 1975.

Morton, A.L.: **Utopías socialistas**, Martínez Roca, 1970.

Nettlau, Max: **La anarquía a través de los tiempos**, Júcar, 1978.

Rocker, Rudolf: **Marx y el anarquismo**, Madre Tierra, 1988.

Martín Paradelo Núñez, Compostela, Dezembro
de 2012

**Abaixo
os chefes!**

As ditaduras providenciais

Não nos encontramos já nos tempos fabulosos de Saturno, em que o pai devorava os seus filhos, nem nos tempos judaicos de Herodes, em que foi massacrada toda uma geração de frágeis inocentes; o qual, apesar de tudo, não impediu que Jesus escapasse à matança e Júpiter fosse devorado. Vivemos numa época em que já mal se mata os infantes por meio da espada ou a dentada e onde é visto como normal que os jovens enterrarem os velhos. Hércules está morto. Que ganharíamos com o ressuscitar? Não poderíamos, quando muito, mais do que galvanizá-lo. A maça é menos forte do que a ideia.

Salve a toda a ideia presente e por vir! A autoridade reinou durante tanto tempo sobre os homens, a tal ponto tomou posse da humanidade, que por todos os lados foi deixando guarnições

As ditaduras providenciais

no seu espírito. Ainda hoje resulta difícil, salvo na ideia, miná-la nos seus alicerces. Cada civilizado é para ela uma fortaleza que, guardada pelos preconceitos, se alça como inimiga ante o passo da liberdade, essa amazona invasora. Assim, alguns que se têm por revolucionários e não juram senão pela liberdade, proclamam embora a necessidade da ditadura; como se a ditadura não excluísse a liberdade e a liberdade a ditadura. Quanto menino grande, em honra à verdade, há entre os revolucionários! Meninos grandes que persistem aliás na sua mania! Que precisam da República democrática e social, sem dúvida, mas com um imperador ou com um ditador, que vem ser o mesmo, para os governarem. Gentes montadas a cavalo de uma ossada de asno e que, com a cara voltada para a garupa, os pés na mesma posição e os olhos fixos na perspectiva do progresso, galopam do lado oposto ao focinho da besta e se afastam daquele tanto mais quanto mais caminho fazem para o atingir. Tais revolucionários, politiqueiros de pescoço pelado, conservaram, junto da marca do colar, a mancha moral da servidão, o torcicolo do despotismo. E são, ai, tão numerosos nas nossas

As ditaduras providenciais

filas! Dizem-se republicanos, democratas e socialistas, mas não sentem inclinação e amor mais do que pela autoridade de braço férreo, de frente férrea, de coração férreo; são mais monárquicos, em realidade, que os próprios monárquicos, que ao seu lado quase poderiam passar por an...arquistas.

A ditadura, ora uma hidra com cem cabeças ou cem caudas, ora uma hidra democrática ou demagógica, não pode prestar serviço algum à liberdade; não pode senão perpetuar a escravatura, tanto no moral como no físico. Não é enquadrando um povo de hilotas baixo um jugo de ferro, já que de ferro se trata, ou o aprisionando num uniforme de vontades proconsulares, como se podem obter homens inteligentes e livres. Todo o que não é liberdade é contra a liberdade. A liberdade não é cousa que possa ser concedida. Não corresponde ao capricho de qualquer personagem ou comité de saúde pública decretá-la ou entregá-la como presente. A ditadura pode cortar as cabeças dos homens, mas não pode fazer com que cresçam e que se multipliquem; pode transformar as inteligências em cadáveres; pode fazer com que

As ditaduras providenciais

os escravos se arrastem e agitem baixo a sua bota e o seu fuste, como se fossem vermes ou lagartas, esmagá-los baixo a sua dura calcadela, mas só a liberdade lhes pode dar asas. Somente mediante o trabalho livre, o trabalho intelectual e moral, a nossa geração, civilização ou crisálida, se metamorfoseará numa viva e brilhante borboleta, revestirá o tipo humano e tomará impulso na harmonia.

Muita gente, sei-o, falam da liberdade sem compreendê-la, sem ter dela nem a ciência nem o sentimento. Não veem nunca na demolição da autoridade reinante mais do que uma substituição de nome ou de pessoa; não imaginam que uma sociedade possa funcionar sem amos nem criados, sem chefes nem soldados; são iguais nisto a esses reacionários que dizem: “Há sempre ricos e pobres, e havê-los-á sempre. Que seria do pobre sem o rico? Morreria de fome?” Os demagogos não afirmam exatamente isto, mas: “Há sempre dirigentes e governados, e havê-los-á sempre. Que seria do povo sem governo? Apodreceria na escravatura.” Todos estes antiquários, vermelhos e brancos, têm algo de compadres e colegas; a an-

As ditaduras providenciais

arquia, o libertarismo, desbaratam o seu miserável entendimento, um entendimento colmado de ignorantes preconceitos, de parvas vaidades, de cretinice. Plagiadores do passado, os revolucionários retrospectivos e retroativos, os ditadores, os vassallos da força bruta, todos esses autoritários carmesim que reclamam um poder salvador, coaxarão durante toda a sua vida sem achar o que desejam. Semelhantes às rãs que exigem um rei, vemo-las e vê-las-emos sempre mudar o seu poste por um grou¹, o governo de julho por um governo de fevereiro, os magarefes de Rouen pelos magarefes de junho, a Cavaignac² por Bonaparte, e amanhã,

1 Referência à fábula As rãs que pedem um rei, que La Fontaine escreveu inspirando-se em Esopo e Fedro.

2 Louis Eugène Cavaignac (1802-1857), general e político francês. Participou nas revoluções de 1830 e 1848. O dia 24 de junho de 1848, depois da rebelião dos partidários da República democrática e social, a Assembleia Nacional francesa delega nele todos os poderes executivos. Reticente num princípio ao uso de medidas repressivas, terminará por servir-se delas com dureza e extinguir o brote revolucionário. Em dezembro do mesmo ano converte-se em Presidente do Conselho de Ministros; para prevenir novas desordens declara o estado de sítio, a suspensão dos jornais hostis ao governo e a deportação dos insurretos.

As ditaduras providenciais

a poder ser, a Bonaparte por Blanqui... Se um dia gritam: “Abaixo a guarda autárquica!”, é para gritar imediatamente: “Viva a guarda móvel!”. Ou bem trocam a guarda móvel pela imperial, do mesmo modo que poderiam trocar a guarda imperial pelos batalhões revolucionários. Súbditos eram, súbditos são e súbditos serão. Não sabem nem o que pretendem nem o que fazem. Queixam-se a véspera de não ter o homem da sua eleição e no dia de amanhã de o ter em demasia. Em fim, em qualquer momento e com qualquer propósito, invocam a autoridade “de longo bico sobre o cabo de um longo pescoço”³ e depois surpreendem-se de serem comidos crus, de serem mortos!

Quem se diz revolucionário e fala de ditadura não é mais do que um palerma ou um safado, um imbecil ou um traidor; imbecil e palerma se a preconiza como auxiliar da Revolução social, como um modo de transição do passado ao futuro, pois consiste sempre em conjugar a autoridade em presente de indicativo; safado e traidor se a con-

³ Extraído de um verso da canção de Léon-Robert Brice Le Héron, inspirada na mesma fábula.

As ditaduras providenciais

templa como um meio de ocupar um local no orçamento e de jogar ao mandatário em todos os modos e em todos os tempos verbais.

Quantos anos, sem dúvida, não pediriam contar quando menos com andas oficiais, um título, emolumentos, uma representação qualquer para sair do charco em que chapina o resto dos mortais e dar ares de gigante! Talvez o comum dos mortais seria sempre o bastante parvo como para prover de um pedestal a tais pigmeus? É preciso ouvirmos em todas as ocasiões: “Mas você fala de suprimir os eleitos por sufrágio universal, de atirar pela janela a representação nacional e democrática... que poria no seu lugar?” Pois, enfim, tem de haver sempre algo, tem de haver sempre alguém que mande... Um comité de saúde pública, então? Que não queira você um imperador, um tirano, é compreensível; mas quem o substituirá? Um ditador? Porque não todo o mundo sabe guiar-se a si próprio e é necessário alguém consagrado a governar os outros...? Eh!, senhores ou cidadãos, para que o suprimir se é para o substituir? O que faz falta é suprimir o mau e não deslocá-lo. Que importa que leve tal ou qual nome,

As ditaduras providenciais

que esteja aqui ou lá, se baixo essa máscara e aparência continua atravessando no meu caminho? Os inimigos são suprimidos, não substituídos. A ditadura, a magistratura soberana, a monarquia vêm a ser o mesmo, pois reconhecer que a autoridade, que é o mau, possa fazer o bem, não é declarar-se monárquico, sancionar o despotismo, abjurar da Revolução? Se perguntarmos a estes partidários absolutos da força bruta, a estes predadores da autoridade demagógica, qual a maneira de organizarem tal poder forte, uns respondem, como fez Marat, que pretendem um ditador com grillhetas nos pés e condenado pelo povo a trabalhar para o povo.

Para começar, distingamos: ora o ditador atua por vontade do povo, em cujo caso não será um ditador, mas a quinta roda de uma carruagem, ora será ditador realmente, terá nas suas mãos a guia e o chicote, e só atuará conforme ao seu capricho, isto é, em exclusivo proveito da sua divina pessoa. Atuar em nome do povo é atuar em nome de todo o mundo, não é assim? E todo mundo não é científica, harmoniosa, inteligentemente revolucionário. Mas admito, para acomodar o pensa-

As ditaduras providenciais

mento dos blanquistas – esse prolongamento do carbonarismo, essa francmaçonaria babuvista, esses invisíveis de nova espécie, essa sociedade de inteligências... secretas – que há povo e povo, o povo dos irmãos iniciados, os discípulos do grande arquiteto popular, e o povo onde se agitam os profanos. Ditos filiados, tais conspiradores eméritos, entender-se-ão sem-pre entre eles? Estarão sempre de acordo sobre todas as questões e em todas as suas secções? Que se lance um decreto sobre a propriedade ou sobre a família, ou sobre o que seja: uns acharão demasiado radical; outros, insuficiente. Mil punhais, por enquanto, serão alçados mil vezes cada dia contra o condenado ditatorial. Não terá dous minutos de vida quem aceite tal função. Mas não o aceitará em sério, terá a sua camarilha, todos esses cães de presa que cerrarão fileiras ao seu redor e conformarão um sagrado batalhão de criados para fazer com os restos da sua autoridade, com os miolos do seu poder. Portanto, poderá mandar em nome do povo, não digo o contrário, mas também, sem dúvida, contra o povo. Fará fuzilar ou deportar todo aquele que tenha veleidades libertárias. Como

As ditaduras providenciais

Carlomagno, ou não sei já qual rei, que media os homens pela altura da sua espada, fará decapitar todas as inteligências que excedam o seu nível, proscreverá todos os progressos que vão mais longe do que ele. Fará como todos os homens da saúde pública, como os políticos de 93, émulos dos jesuítas da Inquisição: propagará o embrutecimento geral, aniquilará a iniciativa particular, apagará a luz do dia que nasce, arrojará as trevas sobre a ideia social, afundar-nos-á de novo, vivos ou mortos, no ossário da civilização, fará do povo, em lugar de uma autonomia intelectual e moral, um autómatos de carne e osso, um organismo de brutos. Porque, tanto para um ditador político como para um reitor jesuíta, o que há de melhor no homem, o que este tem de bom, é o seu cadáver!

Outros diferem um tanto destes últimos nos seus sonhos ditatoriais, no sentido de não quere-rem a ditadura de um só, de um Sansão unicéfalo, mas com cem ou mil queixadas de burro: a ditadura das pequenas maravilhas do proletariado, consideradas inteligentes por eles porque num dia ou outro despacharam certas banalidades em pro-

As ditaduras providenciais

sa ou verso, porque escreveram os seus nomes nas listas eleitorais ou nos registos de alguma capelinha político-revolucionária; a ditadura, em fim, das cabeças e braços nus, que estão em concorrência com os Ratapoils⁴ e têm como missão, como tem de ser, exterminar os aristocratas e os filisteus. Pensam, como os primeiros, que o mau não está tanto nas instituições liberticidas como na eleição dos tiranos. Igualitários de nome, estão a favor das castas por princípio. E ao pôr no poder a operários em lugar de burgueses, têm a certeza de ser tudo para melhor no melhor dos mundos possíveis.

Pôr operários no poder! Com certeza há que ser esquecidos. Talvez não tivemos a Albert no governo provisório? É possível encontrar algo mais cretino? O quê foi mais do que o alvo de todas as burlas? Na Assembleia Constituinte ou Legislativa tivemos os delegados de Lyon; de ter que julgar os representados pelos seus representantes, aquela seria uma triste mostra da inteligência dos operários de Lyon. Paris recompensou-nos com

4 Escultura de Honoré Daumier, símbolo da demagogia bonapartista.

As ditaduras providenciais

Nadaud⁵, espesso talento, inteligência de morteiro, que sonhava com a transformação da sua paleta em bengala presidencial... o muito imbecil! E depois esteve também Corbon, o reverendo de L'Atelier⁶, embora talvez o menos jesuíta, porque pelo menos não demorou em tirar a máscara e ocupar o seu lugar junto aos reacionários.

Assim como sobre os degraus do trono os cortesãos são mais monárquicos do que o monarca, sobre os degraus da autoridade oficial ou legal os operários republicanos são mais burgueses do que os burgueses. E entendamos: o escravo libertado e convertido em amo exagera sempre os vícios do latifundiário que o educou. Está tanto

5 Martin Nadaud (1815-1898). Filho de camponês e pedreiro, foi simpatizante do comunismo cabetista na sua juventude e membro da Sociedade dos Direitos do homem. Em 1849 foi eleito deputado por Creuse na Assembleia legislativa. É autor de umas monumentais **Mémoires de Léonard, ancien garçon maçon**.

6 Jornal publicado entre 1840 e 1850 por operários seguidores do social-cristão Philippe Buchez. O seu editor era precisamente Anthime Corbon. Corbon foi um dos quatro operários parisienses eleitos para a Assembleia Constituinte de 1848; mais tarde converteu-se num dos seus seis vice-presidentes.

As ditaduras providenciais

mais disposto a abusar do comando quanto mais se tenha visto inclinado ou forçado a uma maior submissão e baixeza perante quem mandava. Um comité ditatorial composto por operários é certamente o mais negado e cheio de presunção que possamos encontrar e, em consequência, o mais antirrevolucionário. Se quisermos considerar a sério o termo saúde pública, trata-se, para começarmos e em toda a ocasião, de excluir os operários de toda a autoridade governamental e a seguir, e em qualquer caso, de excluir assim que for possível da sociedade a autoridade governamental própria. (Mais vale ter no poder inimigos suspeitos que amigos duvidosos.)

A autoridade oficial ou legal, seja qual for o nome com que fosse condecorada, é sempre mentirosa e daninha. Não há mais autoridade verídica e benfeitora que a natural ou anárquica. Quem foi autoridade de facto e de direito no ano 48? Foi o governo provisório, a comissão executiva, Cavaignac ou Bonaparte? Nem uns nem outros. Pois conquanto tinham nas suas mãos a força bruta, eles próprios não eram mais do que instrumentos, as engrenagens da reacção; não eram,

As ditaduras providenciais

aliás, motores, mas máquinas. Todas as autoridades governamentais, inclusive as mais autocráticas, não são mais do que isso. Funcionam por vontade de uma facção ou ao seu serviço, salvo nos acidentes provocados pelas intrigas, essas explosões de ambição comprimida. A autêntica autoridade no ano 48, a autoridade de saúde universal não esteve, portanto, no governo, mas, como sempre, fora dele, na iniciativa individual: Proudhon foi o seu mais eminente representante (refiro-me ao povo e não à Câmara). Foi nele em quem se personificou a agitação revolucionária das massas. E para dita representação não se precisam títulos nem mandatos legalizados. O seu único título procedia do seu trabalho; era a sua ciência, o seu génio. O seu mandato não procedia dos outros, dos sufrágios arbitrários da força bruta, mas de si próprio, da consciência e da espontaneidade da sua força intelectual. Autoridade natural e anárquica, teve toda a porção de influência a que podia aspirar. E é uma autoridade que nada tem a ver com a dos pretorianos, pois é a ditadura da inteligência: enaltece e vivifica. A sua missão não é amarrar nem minguar os homens, mas en-

As ditaduras providenciais

grandecê-los até os fazer atingir a altura completa do seu pensamento, até os desenvolver com toda a força expansiva da sua natureza mental. Não produz, como a outra, escravos em nome da liberdade pública; destrói a escravatura em nome da autoridade privada. Não se impõe à plebe amuralhando-se num palácio, couraçando-se com cota de malha, cavalgando entre os seus arqueiros, como os barões feudais; afirma-se no povo, como se afirmam os astros no firmamento, iluminando os seus satélites.

Que maior potência conseguiria Proudhon de estar no governo? Não só não teria mais, como também muita menos, supondo que pudesse conservar no poder as suas paixões revolucionárias. A sua potência vinha-lhe do cérebro; todo o que fosse de tal natureza que tivesse entorpecido o trabalho do seu cérebro seria um ataque à sua potência. Se fosse um ditador de bota e espora, armado dos pés à cabeça, investido da banda e a roseta senhoriais, perderia em politicar com o seu meio o tempo todo que empregou em socializar as massas. trabalharia pela reação, em lugar de fazer pela revolução. Olhem, se não, o castelhano

As ditaduras providenciais

do Luxemburgo, Louis Blanc, talvez o melhor intencionado de todo o governo provisório e, contudo, o mais pérfido, quem tirou as castanhas do fogo com a mão do gato à reação; quem entregou os repreendidos operários aos burgueses armados; quem fez o que fazem todos os predicadores, em sotaina ou ataviados com autoritárias fitas, que pregam aos pobres a caridade cristã com o fim de salvar os ricos.

Os títulos, os mandatos governamentais, não são bons mais do que para as nulidades que, demasiado covardes para serem algo por si próprias, desejam aparentar. Não têm razão de ser mais do que em razão de tais engendros. O homem forte, o homem de inteligência, o homem que é tudo pelo trabalho e nada pela intriga, o homem que é filho das suas obras e não do seu pai, do seu tio ou de qualquer patrão, nada tem que enredar com essas atribuições carnavalescas; despreza-as e odeia-as como um disfarce que sujaria a sua dignidade, como algo obsceno e infame. O homem débil, o homem ignorante, mas que tenha um sentimento de humanidade, tem que as temer também: chega-lhe com algo de sentido comum.

As ditaduras providenciais

Pois se toda palhaçada é ridícula, ainda é mais odiosa quando brande o sabre.

Todo o governo ditatorial, seja conjugado em singular ou plural, todo o poder demagógico, não poderia mais do que atrasar a chegada da revolução social substituindo a iniciativa anárquica, a vontade razoada, a autonomia de cada um pela sua iniciativa, seja qualquer que for, a sua razão onnipotente, a sua vontade cívica e forçada. A revolução social não pode ser feita mais do que mediante a intervenção de todos individualmente; doutro modo, não seria revolução social. O que é preciso, aquilo para que se deve tender, é situar todo o mundo na possibilidade – isto é, na necessidade – de atuar, para que o movimento, comunicando-se de um a outro, dê e receba o impulso do progresso e, de tal maneira, decuple e inclusive centuple a sua força.

O que precisamos, portanto, é que haja tantos ditadores como seres pensantes, homens ou mulheres, há na sociedade, com o fim de a agitar, de a sublevar, de a tirar da sua inércia; e não um Loyola de boina vermelha, um general político para disciplinar – isto é, para imobilizar – a uns e a ou-

As ditaduras providenciais

tros, para esmagar o seu peito, o seu coração, como um pesadelo, e afogar as suas pulsações; ou bem a sua frente, o seu cérebro, à moda da educação obrigatória e catequizante, para torturar o seu entendimento.

A autoridade governamental, a ditadura, ora chamada império ou república, trono ou cadeira, salvador da ordem ou comité de saúde pública, ora exista hoje mesmo sob o nome de Bonaparte ou amanhã sob o de Blanqui; já saia de Ham ou de Belle-Isle, já tenha nos seus braços uma águia ou um leão dissecado... a ditadura não é mais do que o roubo da liberdade pela virilidade corrompida, pelos sífilíticos; é o mau cesarista inoculado mediante as sementes reprodutivas nos órgãos intelectuais da geração popular. Não é a foda emancipatória, uma natural e fecunda manifestação da puberdade; é uma fornicação da virgindade com a decrepitude, um atentado aos bons costumes, um crime como o do tutor com a sua pupila... é um humanicídio!

Não há mais do que uma ditadura revolucionária, não há mais do que uma ditadura humanitária: a ditadura intelectual e moral. Talvez não se-

As ditaduras providenciais

ja livre todo o mundo de participar nela? Basta com querer para poder. Em modo nenhum precisa ao seu redor, e para ser reconhecida, de batalhões de lictores nem uma panóplia de baionetas; não caminha escoltada mais do que pelos seus livres pensamentos, não tem mais cetro que o feixe das suas luzes. Não faz a sua lei, descobre-a; não é a autoridade, constitui-a. Não existe mais do que por vontade do trabalho e por direito da ciência. Quem a negue hoje, afirmá-la-á amanhã. Pois não dirige a manobra refugiando depois da sua inércia, como um coronel de regimento, mas ordena o movimento pregando com o exemplo, demonstrando o progresso com o progresso.

-Todo o mundo marcando o passo! - diz uma, a ditadura da força bruta, a ditadura animal.

- Quem me quiser que me siga! - diz a outra, a ditadura da força intelectualizada, a ditadura hominal.

A primeira tem como suporte todos os pastores, todos os rebanhos de homens, todo aquele que mande ou obedeça ao gado, todo aquele que tenha o seu domicílio na civilização.

A segunda tem do seu lado individualidades

As ditaduras providenciais

feitas homens, inteligências descivilizadas.

A primeira é a última representação do paganismismo moderno, a noite de clausura definitiva, a despedida do público.

A segunda é o debute de uma nova era, a sua entrada em cena, o triunfo do socialismo.

A primeira é tão velha que tem um pé na tumba; a segunda, tão jovem que ainda o tem no berço.

- Velha! É a lei: há que morrer!

- É a lei da natureza, menino! Crescerás!

A autoridade e a preguiça

...Em anarquia, o consumo alimenta-se por si próprio da produção. Um humanisferiano não compreenderia melhor que um homem fosse forçado a trabalhar do que compreenderia que fosse forçado a comer. A necessidade de trabalhar é tão imperiosa no homem natural como a necessidade de comer. O homem não é todo estômago; tem braços, um cérebro, e aparentemente é para fazê-los funcionar. O trabalho manual e intelectual é o alimento que os mantém com vida. Se o homem não tivesse outras necessidades que as da boca e o estômago, não seria um homem, mas uma ostra e, assim, em lugar de mãos, atributos da sua inteligência, a natureza teria dotado, como a um molusco, de conchas. “E a preguiça! A preguiça!”, gritam-me vocês, oh civilizados. A preguiça não é filha da liberdade e do gênio humano, mas da escravatura e da civilização; é algo imundo e contra-

A autoridade e a preguiça

natural que não se pode achar mais do que nas velhas e modernas Sodomas. A preguiça é um vício do braço, um enervação do espírito. A preguiça não é um gozo; é uma gangrena e uma paralisia. Unicamente as sociedades caducas, os mundos envelhecidos, as civilizações corruptas podem produzir e propagar tais pragas. Os humanisferianos, por sua vez, satisfazem naturalmente tanto a necessidade de exercício do braço como a necessidade de exercício do estômago. Não resulta mais exequível racionar o apetite da produção do que o apetite do consumo. Cada pessoa tem de consumir e produzir conforme as suas forças, conforme as suas necessidades. Ao submeter todos os homens a uma retribuição uniforme, matariamos de fome a uns e de indigestão a outros. Só o indivíduo é capaz de saber a dose de labor que o seu estômago, o seu cérebro ou a sua mão podem digerir. Se raciona a palha de um cavalo na quadra, o amo concede ao animal doméstico tal ou qual alimento. Mas, em liberdade, o animal se raciona pela sua conta e o seu instinto oferece, melhor do que o amo, aquilo que convém ao seu temperamento. Os animais indómitos mal conhe-

A autoridade e a preguiça

cem a doença. Tendo de tudo em profusão, também não se batem entre si para se arrancar uma folha de erva. Sabem que os prados selvagens produzem mais pasto do que podem comer e pastam em harmonia uns junto aos outros. Por que teriam de se bater os homens para privar do seu consumo, quando a produção, mediante as forças mecânicas, lhes abastece para além das suas necessidades?

- A autoridade é a preguiça.

- A liberdade é o trabalho.

Unicamente o escravo, rico ou pobre, é preguiçoso: o rico, escravo dos preconceitos, da falsa ciência; o pobre, escravo da ignorância e dos preconceitos; ambos escravos da lei; um por sofrê-la, outro por impô-la. Condenar à inércia as próprias faculdades produtivas, não seria suicidar-se? O homem inerte não é um homem; é menos do que um bruto, pois o bruto atua na medida dos seus meios, obedece ao seu instinto. Qualquer que tenha uma porção de inteligência, não pode mais do que obedecê-la, e inteligência não é ociosidade; é movimento fecundador, é progresso. A inteligência do homem é o seu instinto, e tal instinto diz-

A autoridade e a preguiça

lhe sem cessar: “Trabalha; põe à obra tanto a mão como a cabeça; produz e descobre; as produções e as descobertas são a liberdade. Quem não trabalha não desfruta. O trabalho é a vida. A preguiça é a morte. Trabalha ou morre!”

Outras publicações da CNT

Edgar Rodrigues – História do movimento anarquista no Brasil / História do movimento anarquista em Portugal

Carmen Blanco – Casas anarquistas de mulleres libertárias

Maitre Simon – Paseo humorístico a traves das relixións e os dogmas (2 edição, ilustrada)

Voltairine de Claire – Desobediência civil: Fundamentos da ação direta

Rudolf Rocker – Porque sou anarquista

Leando Pita Romero – O anarquista

Emma Goldman – O indivíduo e a sociedade

Maurice Joyeux – Autogestão, gestão operária, gestão directa

Deirdre Hogan – Feminismo, classe e anarquismo

Emile Pouget – A sabotagem

Margareth Rago – Epistemologia feminista, gênero e história

Todas à venda em edição impresa, aliás de disponíveis para descarga livre no web

www.cntgaliza.org

